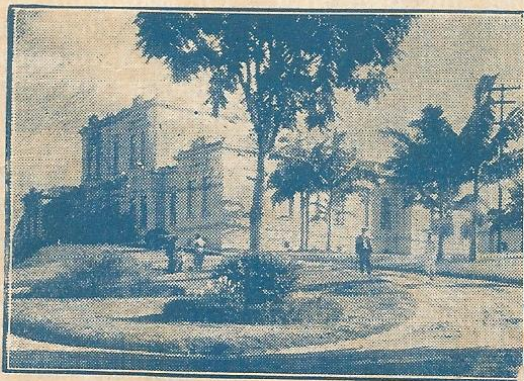
BEM-TE-VI

EDITADO PELA IMPRENSA METHODISTA, RUA DA LIBERDADE, 117 — REDACTORA — L. F. EPPS.

ANNO I :::: N. 6 — REVISTA MENSAL | São Paulo-Brasil, Junho 1923 | ASSIGNATURA ANNUAL. . . 5$000

— BUTANTAN —

Quem ainda não ouviu o nome de "Butantan"? Em São Paulo é elle conhecido e todo o mundo fala delle com respeito e admiração. Mas, talvez, nem todos saibam o que é realmente o Instituto de "Butantan" e como elle se fez. O nome "Butantan" sôa bem e parece dizer alguma cousa dos tempos idos. Elle é realmente muito antigo. Antes, muito antes de existir gente de origem européa aqui nesta terra, já elle era conhecido. E' formado de duas palavras indigenas, que, traduzidas, querem dizer: "Vento forte" ou "Vento grande". Nos arredores desta capital, existem ainda muitos outros logares com nomes que igualmente foram dados pelos indios que aqui moravam antes de se localisarem os immigrados. Estes nomes devem ser conservados, porque elles nos fallam da nossa historia, nos lembram que habitamos terra que pertenceu aos selvagens.



"Butantan" era nome que ficára para designar uma fazenda situada a nove kilometros do centro da actual cidade de São Paulo e que mais tarde foi adquirida pelo Governo para installar o Instituto Sorotherapico.

Perguntarão talvez:—Como e porque se lembrou o Governo de installar um instituto lá tão longe da cidade?

O Instituto de "Butantan" é um attestado vivo do quanto póde conseguir uma pessoa realmente esforçada e dotada de verdadeiro patriotismo e perseverança.

O fundador daquelle instituto é o Dr. Vital Brasil, nascido na Campanha e criado na cidade de Caldas, em Minas Geraes, onde o seu pae foi tabellião durante muitos annos. O nome com que este o fez baptizar foi Vital Brasil Mineiro da Campanha.

A origem do Instituto de "Butantan" é modesta, como foi a origem do seu criador. Hoje os nomes de ambos são conhecidos em todos os recantos do mundo porque o instituto é, por assim dizer, o unico no genero e Vital Brasil conseguiu impor-se pelo seu saber, firmeza de caracter e perseverança, como um dos maiores scientistas.

Depois de formado pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro, o Dr. Vital Brasil começou a sua carreira de medico e scientista aqui em São Paulo. Quando, em 1899, irrompeu a peste bubonica em Santos, foi elle commissionado pelo Governo para dar combate á mesma.

Com risco da propria vida, dedicou-se denodadamente ao trabalho que lhe foi confiado, conseguindo dominar o mal.

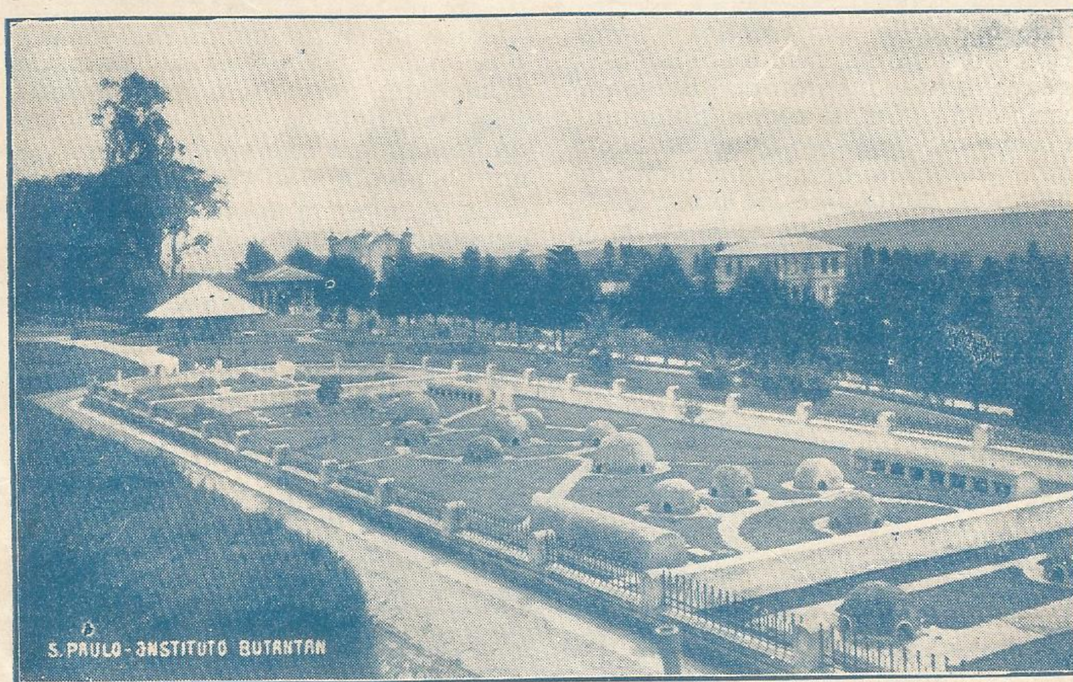
Como, então, o Governo verificasse que era absolutamente indispensavel produzir-se dentro do Paiz o soro para dar combate ao terrivel mal, encarregou o Dr. Vital de preparal-o.

Sendo necessario lidar com microbios vivos, para se produzir um soro, era natural que se não fizesse dentro da cidade. Para ficar-se completamente livre de qualquer perigo, fez o Governo installar na fazenda do "Butantan" um laboratorio para a producção de soro anti-pestoso. Destacou o nosso patricio, que já tinha soffrido a peste e que,

portanto, estava mais livre de contagio, para fabricar o soro.

Naquelle tempo não havia ainda a linha de bondes para Pinheiros, e para ir da cidade ao seu posto de traba ho, o Dr. Vital Brasil e seus companheiros tinham de fazer os nove kilometros em trole por caminhos accidentados e difficeis. A casa em que funccionava o serviço era uma meia agua ligeiramente reformada, sem soalho e sem forro, e em cuja porta mal se podia passar de pé. Mas lá ficou o homem mexendo com o microbio, separando-o e criando-o por meio de cultura para com elle immunizar os cavallos e assim obter o soro com que pudessem ser salvos os seus semelhantes que tivessem a desventura de ser atacados pela perigosa molestia asiatica.

No Instituto Bacteriologico, o Dr. Vital Brasil já havia iniciado o estudo do veneno das serpentes brasileiras. As terriveis cascaveis, as perigosas jararacas, os horriveis urutús e as demais cobras venenosas, que annualmente ceifavam tantas vidas nas fazendas, onde os pobres camaradas, carpindo os cannaviaes, os cafezaes e as roças, eram picados, e em breve perdiam a vida nos mais terriveis tormentos, sem que o medico e o curandeiro pudessem dar allivio e salvação, convenceram-no de que devia procurar remedio para o mal. Instigaram-no para isto os estudos que Calmette havia publicado. Em "Butantan", onde lhe sobrava tempo, reencetou elle os estudos dos ophidios e seus venenos. Em gaiolas, a principio, mais tarde em serpentarios, mantinha elle as serpentes, extrahia-lhes o veneno e com o mesmo, immunizando cavallos, conseguia, realmente, preparar um sôro capaz de curar as pessoas offendidas. Para cada especie de cobra venenosa, preparava sôro especial e, em breve, a fama destes sôros e o nome do preparador dos mesmos, correram mundo. Uma vez em New York, conseguiu salvar um homem que tinha sido mordido por um cascavel, applicando-lhe uma dose do sôro e isto o notabilizou ainda mais.



Quantos dos leitores do "Bem-te-vi" já visitaram a **cidade das cobras**? As casas, feitas de cimento, são baixas, redondas, e não têm janellas; só têm portas. As ruas estreitas e limpas são atapetadas de um bonito gramado.

Embora interessados, os governantes demoraram, todavia, a prestar o auxilio necessario ao incansavel scientista. Dez annos haviam decorrido antes que se começasse a construcção de um predio adequado para o funccionamento do já então celebre instituto. Em 1910, foi lançada a primeira pedra, e, em 1914, inaugurou-se, officialmente, o bello edificio em que agora funcciona o Instituto.

Desde então, o instituto se tornou um estabelecimento que attrahia a attenção de todos. Hoje ninguem que seja mais ou menos interessado em assum-

ptos scientificos, vindo a São Paulo deixa de visitar o "Butantan".

O Dr. Vital Brasil fundou e desenvolveu o Instituto de "Butantan" ao nivel em que o vimos em 1919. De uma simples fabrica de sôro anti-pestoso, fez elle um estabelecimento que tem redundado para o engrandecimento de sua patria. Até então esteve na sua direcção, mas teve de deixal-o, porque os vencimentos que percebia já não bastavam para a manutenção da sua familia e educação dos filhos. Deixando São Paulo fundou elle outro instituto ao qual



Reparem que as visitas não entram na cidade das cobras.

deu o seu proprio nome e que mantem com uma subvenção do Governo Fluminense e a renda propria.

De simples instituto sorotherapico fez o Governo de São Paulo, em 1918 um estabelecimento destinado a ser um instituto medico completo. Desde então se preparam lá todas as soluções injectaveis, os productos opotherapicos, (isto é, extractos de glandulas de animaes), vaccinas e muitissimos sôros, para dar combate ás diversas enfermidades. Fundou-se annexo, o Instituto de Medicamentos Officiaes e criou-se a Secção de Botanica, com o Horto Oswaldo Cruz, que tem por fim o estudo das diversas plantas medicinaes e toxicas. O "Butantan" tornou-se um verdadeiro centro de pesquizas scientificas.



Cobras que são Bemfeitoras da humanidade.

As cobras que lá vimos, nos dois serpentarios, todas estão condemnadas a morrer dentro de poucas semanas e para substituil-as, vêm, diariamente, outras. Para que produzam a maior porção possivel de veneno, ellas não são alimentadas, porque quando a cobra se alimenta, gasta o veneno, que nella é um succo digestivo como no homem o é a saliva. Cada 15 dias, o veneno produzido pelas glandulas proprias que têm na cabeça, é extrahido até que ellas morrem de insufficiencia. Mas, mesmo assim, algumas vivem mais de seis mezes. As cobras não são, aliás, tão vorazes como nós e outros animaes, ellas comem um rato ou uma rã e isto lhes basta para dois e mais mezes.

Em outro numero teremos occasião de estudar mais um pouco estes pobres animaes tão odiados pelo homem e veremos que elles tão máos não são como parecem, porque, pelo menos, uma grande parte só é temida pela apparencia.

"Não ha justiça, onde não haja Deus".

(Ruy Barbosa).

"O Creador começa, e a creatura acaba a creação de si propria".

(Ruy Barbosa).

O Ideal do Preto Velho

Pae Zuão era um preto velho, tão velho que a carapinha já se lhe ia embranquecendo. Com a idade, veiu o cansaço. Pae Zuão, que em moço bastava estar parado para logo dar uns cochilos, agora, depois de velhote, desejava ardentemente poder cochilar ao calorzinho de um bom fogo. De cachimbo na bocca, e somnolentamente, gostava de recordar sua vida. Lembrava-se das alegres "congadas" de sua terra natal, ao sol ardente da saudosa Africa; da separação da mãe, dos irmãos, da travessia, do desterro e do chicote do feitor... Mas, de nada vale a gente se atormentar pelo que já passou. "Aguas passadas não tocam moinho".

Pae Zuão ha muito tempo é negro fôrro. Depois do "13 de Maio", ficou ambicioso, seu corpo velho e cansado, torturado pelas penas do captiveiro, pedia conforto e commodidade. Mas Pae Zuão não era vadio. A vida inteira de labuta deu-lhe o habito do trabalho. Por isso o bom preto velho, pegando na espingarda, quasi tão velha quanto o dono, lá se foi para o matto arranjar alguma cousa para o almoço.

Gozou a frescura da manhã; sentou-se, ora aqui, ora acolá, para descansar as pernas tremulas. Divisando uma acariciadora réstea de sol, encostou-se a uma arvore e adormeceu. Passado algum tempo, accordou, mas ainda sentia um resto de somno. Ia levantar-se quando avistou um bello coelho todo pardo. Sorriu-se satisfeito e, arreganhando os grossos beiços, mostrou os dentes alvos, pois Pae Zuão, apesar de velho, ainda os possuia tão bons como em moço. Levantou-se cauteloso, pegou na espingarda e o rosto irradiou-se de pura alegria. O velho preto poz-se a dizer: "Êre mata candimba, leva no mercado. Êre compra biête de loteria. Ah! êre tira a sorte grande... Tira a sorte grande... Ih! depois êre fica rico, tem muito dinhêro. Compra uma casa, uma cama bem macia... Êre póde cochilá todo o dia... Êre não trabáia... Até vae comprá muréque pra lava pé dêre... Quando muréque não vié depressa, êre zanga... êre grita: Muréque!

E Pae Zuão, perdido no seu sonho de grandeza, gritou, batendo com o pé no chão: "Muréque"!

O coelho, assustado, deu uns pulos e se perdeu no matto.

Ah! Pae Zuão! E o bilhete de loteria? E a sorte grande? E o almoço daquelle dia? Ah! Pae Zuão!

. . . .

"Eu amo o sopro do vento, como o rugido do mar: porque o vento e o oceano são as duas expressões sublimes do verbo de Deus, escriptas na face da terra quando ainda ella se chamava o cahos."

(Alexandre Herculano)

"O amor é o elemento primitivo da actividade inteira; é a causa, o fim e o resumo de todos os affectos humanos."

(Alexandre Herculano)

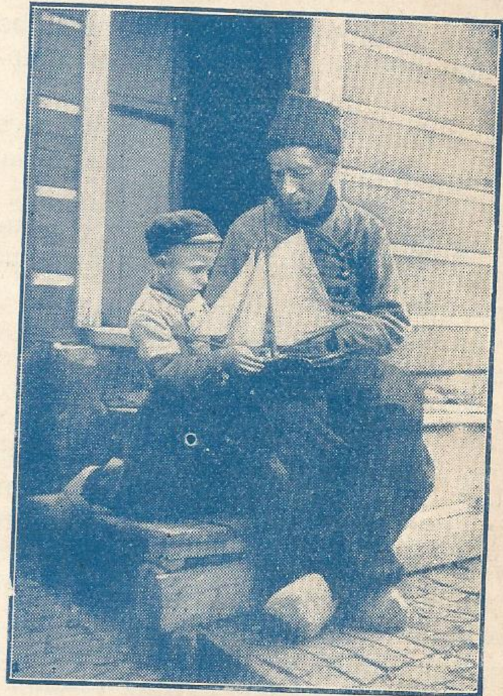
"Mas não é a sua coroa que os filhos das Hespanhas tem hoje que defender; é a liberdade da patria; é a nossa crença; é o cemiterio em que jazem os ossos dos nossos paes; é o templo e a cruz, o lar domestico, os filhos e as mulheres, os campos que nos sustentam e as arvores que nós plantarmos. Para mim, de todos estes incentivos, apenas restam dois: o amor da terra natal e a crença do Evangelho."

(Alexandre Herculano)

NOSSOS AMIGUINHOS

NA HOLLANDA





As crianças, em todo mundo, apreciam as historias dos tempos antigos contadas pelos vovôs e tambem gostam de aprender com elles a fazer brinquedos. Na Hollanda um dos divertimentos predilectos dos pequenos, é fazer bótes de vela.

A BILHA DE LEITE

(Reproducção)

Era uma vez uma menina chamada Maria. Morava em um sitio pouco distante da cidade. Era morena, magra e alta, de cabellos escuros e lisos. Maria costumava ir á cidade vender leite. Uma bella manhã de Outubro, quando o sol apparece mais cedo, e os passaros cantam mais alegres, ia ella como de costume vender o leite. Emquanto caminhava estrada á fóra, começou a pensar assim: — Com o dinheiro do leite eu comprarei uns cestos de ovos. Com estes ovos faço a minha pintada chocar. Criarei gallinhas para vender. Com o dinheiro, comprarei um porco na feira. Com o lucro do porco eu comprarei uma novilha e terei vaccas no meu curral. Mas, quando acabou de pensar isto, ouve de cima de uma arvore dizerem:— Bem-te-vi, bem-te-vi. Maria virou-se para ver quem era, cahiu-lhe a bilha da cabeça, e entornou-se todo o leite.

RUBEN F. GOMES.

Um amiguinho do "Bem-Te-Vi".

A PAGINA DOS LEITORES

("Eu vejo em cada criança a possibilidade do homem perfeito")

OS PÃESINHOS RECHEADOS

Havia uma vez, em uma cidade tão grande falta de mantimento que todos os dias muitas pessoas morriam de fome.

Um homem muito rico, que morava nessa cidade, condoido por tal miseria, resolveu ajudar os seus vizinhos.

Convidou a criançada pobre, de sua vizinhança, a vir todas as manhãs a sua casa buscar pão.

As crianças vinham diariamente e cada qual procurava servir-se primeiro e levar os pães maiores. Entretanto, uma menina esfarrapada e muito magra, chamada Francisca, ficava distante das crianças que se acotovelavam. Quando todas se retiravam, ella approximava-se da mesa e tirava os pães que restavam. Antes de retirar-se ella ia beijar as mãos do seu bemfeitor.

O rico achou tão bonito o procedimento de Francisca que decidiu recompensal-a.

Na manhã seguinte ficaram sobre a mesa uns pãesinhos que por serem muito pequenos foram recusados pelas crianças. Francisca, com alegria, tirou-os da mesa e depois de beijar a mão do seu protector partiu para casa. Ahi chegando entregou os pães, para a sua mãe. Quando esta partiu os pães, cahiram algumas moedas de ouro. Imagine qual não foi o espanto daquella pobre gente, ao ver tanto dinheiro. Apesar da pobreza a mãe disse:

—Minha filha, estas moedas não nos pertencem. Vieram aqui, talvez, por engano. Vá entregal-as ao nosso bondoso amigo.

Francisca correu á casa do rico e alli lhe contou o acontecido.

—Estas moedas te pertencem, disse o homem sorrindo. Mandei fazer estes pãesinhos especiaes para recompensar a tua modestia e o teu bonito procedimento.

ADELIA GENNARI,

Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".

O BEIJO DO PAPAE

(Paraphrase de uma poesia de Wanderley)

A scena que vou descrever-vos passou-se no tempo da guerra entre a Russia e os bravos Nippões.

Cada soldado, russo ou japonez, luctava com fervor e impaciencia, julgando a todo momento conquistar os laureis da victoria para a sua estremecida patria.

As batalhas eram continuas e atrozes. Muitos já haviam perecido no hospital e outros no campo, onde foram esquecidos, morreram á mingua, sem receber um carinho, um consolo.

Numa tarde, em que o combate se tornava mais encarniçado, em que as balas, sibilando, cruzavam nos ares e em que o ronco hediondo dos canhões se assemelhava a rugidos de bravias féras, uma criança veiu correndo pelo campo e approximou-se da trincheira. Pareceu não se amedrontar com o sanguinolento combate. Era loura, rosada, olhinhos azues e expressivos. Olhava para todos os lados como quem procura algum objecto perdido.

O guarda japonez, que conhecia a lingua russa, ao vel-a, perguntou-lhe:

—Quem és? Donde vens? Que queres?

—Chamo-me Lina. Sou filha de um bravo defensor da Russia. Vim procurar meu papae.

—Teu pae aqui não está. Mas si queres que lhe dê algum recado, dize, que procurarei satisfazer o teu desejo.

—Não é um recado que eu queria, balbuciou a desditosa criança com uma lagrima prestes a rolar de seus bellos olhos.

—Que queres, então?

—E' isto, e assim dizendo, Lina lançou-se ao pescoço do soldado e deu-lhe um beijo na face.

O rude japonez, commovendo-se, disse entre soluços:

—Um bravo que nunca chorou, chora agora em tua presença. Como teu pae é feliz por possuir-te! Sim, prometto-te que hei de dar-lhe o teu beijo. Mas, como o reconhecerei?

—O meu papae é alto, forte, musculoso. Dizem que me pareço com elle. Vou dar-te este retrato, para melhor o conheceres; e assim dizendo, a menina entregou ao soldado uma photographia. Chama-se elle Yvan.

Como neste momento recrudescesse o ribombar dos canhões, Lina foi-se a correr pelo caminho.

O heroico nippon seguiu-a com o olhar até vel-a sumir-se e então entre lagrimas, disse comsigo:

—Pobre criança! Talvez o teu papae já esteja recebendo o teu beijo, lá no ceu... e machinalmente penetrou no quartel.

. . . .

Passaram-se dias.

Numa tarde, em que o sol descambava e nuvens multicores se viam lá no alto, nessa hora poetica do Angelus, acabava de haver um grande combate. Os japonezes venceram.

No campo de batalha os feridos eram recolhidos, sem distincção, para os hospitaes.

O filho do Japão, passando perto de um moribundo russo, fitou-o e, depois de uma longa pausa, parecendo conhecel-o, chamou-o:

—Yvan!

—Que queres? perguntou o russo com voz quasi extincta.

—Vim trazer-te uma noticia agradavel e um...

—Que? Dize depressa que sinto approximar-se o meu ultimo instante de vida.

—Um beijo de tua filha Lina, disse o oriental, osculando a face de seu inimigo. As lagrimas de ambos se misturaram e Yvan, com um sorriso amargo nos labios, deixou pender a cabeça e adormeceu para sempre.

IRACEMA CASTRO.

A PORTA ABERTA

Certo homem, que envelhecera na cadeia, começou a lamentar-se da sorte:

—Ai, ai de mim! gemia elle. Quão horrivel é o logar onde estou! Ao redor de mim tudo são soluços e suspiros, miserias e lagrimas. Odiosas paredes me prendem e as varas de ferro das janellas são pesadas e fortes. Não ha possibilidade de fuga. Horrivel é a cadeia e os dias que nella passo, odiosos os rostos dos homens e das mulheres, prisioneiros como eu mesmo. Ai, se aquella porta se abrisse e eu fosse livre!

Nisto viu elle um anjo, todo de branco, que abria porta e lhe dizia:

—Sae para fóra!

Mas o velho, deixando-se cahir pesadamente no chão, gritou:

—Oh! não! Não! Ainda não estou prompto para sahir!

Apesar de tudo, a cadeia, embora apertada, não é fria, senão no inverno. Fóra della tudo é tão estranho, tão vasio! Sopra constantemente um vento que vem não sei donde! Os prisioneiros são todos meus amigos, se bem que não tenham muitas virtudes. Deixa-me permanecer aqui, onde ao menos estou agasalhado, quente e livre dos imprevistos do desconhecido.

E, virando-se para os presos, agarrou-se-lhe ás roupas, supplicando:

—Salvem-me! Salvem-me do homem de branco e da porta aberta.

O BEIJO DO PAPAE

Foi no tempo da guerra entre a Russia potente
E os heroicos Nippões, calmos filhos do Oriente.
Em torno a Porto Arthur o cerco se apertava
Como um cinto de ferro e fogo que fechava
As portas da cidade a quem, valente, ousasse
Por alli penetrar, ou por alli passasse.
Da bocca dos canhões a morte, a rir, traiçoeira,
Partia a cada instante, e, na veloz carreira,
A vida ia ceifando aos miseros soldados,
Tão deshumanamente assim sacrificados,
Quando uma tarde, em que cessara de momento
O canhoneio, como a cobrar novo alento,
Juncto á linha de fogo, uma adoravel criança,
Sem mostras de temor e cheia de confiança,
Appareceu correndo. O olhar de quem procura,
Anciosa, descobrir, naquella massa escura,
De uniformes e fumo, um rosto conhecido,
—O risonho perfil de um semblante querido —
Ao ver, a pequenita, um japonez, — um bravo —
Que, como a lingua patria entendia a do slavo,
Perguntou-lhe, tomando em suas mãos callosas
As mãosinhas da criança, alvas e setinosas:
—Que desejas, pequena, e procuras em meio
Da tropa que aqui vês exposta ao bombardeio?
Quem és tu! De onde vens? Que nome tens, menina?
—Meu nome, ella responde, eu lhe direi: é Lina;
Procuro meu papae que ha muito foi embora.
Ha muito que o não vejo, e desejava agora vel-o outra vez...
—P'ra que? pergunta novamente
O filho do Japão, dizendo, incontinente:
—Elle aqui já não está; seguiu mais para diante;
Porém, se algum recado ou cousa semelhante
Quizeres que eu lhe dê, breve irei encontral-o.
Descreve-me os signaes daquelle de quem falo,
E eu prometto cumprir teu desejo innocente.
—E' facil conhecel-o, informa ella, contente;
E' alto o meu papae, e forte e musculoso;
Tem como eu tenho azues os olhos e é formoso
O seu rosto barbado. E' louro o seu cabello
Tambem da côr do meu, como bem póde vel-o,—
E, do seio tirando um pequeno retrato,
Accrescenta a sorrir: — Façamos um contracto:
Eu dou-lhe este "papae" para que não se esqueça
E vendo o verdadeiro, em breve, o reconheça.
Chama-se Yvan.

Pois bem, disse o nobre soldado,
Que o retrato guardou. Dá-me, agora, o recado,
Que eu hei de procurar o teu papae, e, em breve...
—Mas não é um recado o que eu peço que leve, —
Replica-lhe a pequena.
—Então, dize o que queres
E eu prometto fazer o que tu disseres.
—Pois sim,—Lina responde;—é este o meu desejo;
Chegue juncto a papae e entregue-lhe este beijo!
Assim dizendo salta ao collo do soldado
E beija-lhe o semblante em lagrimas banhado!
(Um bravo que não chora ante a horrivel matança,
Chorou ao receber o beijo da criança!...)
E como dos canhões ouvisse a voz bramindo,
Lina foi-se a correr por onde tinha vindo.
. . . .

Durante a noite inteira o fogo não cessára,
A tropa do Mikado, aos poucos avançara
Num assalto feroz ao inimigo em frente.
Cada qual mais revel, cada qual mais valente,
Até que da Victoria as trombetas echoaram
E as bandeiras do sol vermelho tremularam
Sobre a trincheira russa á força conquistada.
. . . .

Todo o ceu se aclarava á rosea madrugada,
E, pelo campo em fóra, os mortos e os feridos
Eram, sem distincção, por todos recolhidos,
Quando ao ver de um soldado a face descorada,
Pendida sobre o peito, a blusa ensanguentada,
Lembrou-se o japonez das feições da criança:
Olha o retrato e vê perfeita a semelhança:
Era um russo o ferido e o japonez o chama:
—Yvan!...—
—Que me quereis? o moribundo exclama,
Surprezo por ouvir seu nome proferido
Por labios de inimigo.
—Eu te trago escondido, —
O bravo continúa, — um beijo que te envia, —
Tua filhinha Lina; ella mesma o daria
Se pudesse vir cá; não podendo, guardei-o
Para agora o depor da tua fronte em meio...
E ao dizer isso, calmo, o filho do Nascente
Beija a fronte do russo e o abraça ternamente....

E. WANDERLEY.

. . . .

A gula, peccado de todos nós

TORTA DE LIMÃO

Ingredientes:
3 colheres de maizena
1 chicara de agua quente
2 colheres de manteiga
1 chicara de assucar
1 pitada de sal
1 limão (grande).
2 ovos
2 colheres de assucar.

Methodo:

Mistura-se a maizena com um pouco de agua fria, e ajunta-se agua fervente. Cozinha-se até engrossar. Em seguida ajuntam-se o assucar, as gemmas bem batidas, a manteiga e o sal. Por ultimo ajunta-se o succo de um limão. Tira-se logo do fogo. Batem-se as claras com as 2 colheres de assucar. Põe-se tudo isto em fôrma forrada de massa já assada. Põem-se as claras batidas em cima da torta e córa-se num forno moderado.

MASSA PARA FORRAR A FORMA

Ingredientes:
2 chicaras de farinha.
Dois terços de chicara de gordura, sendo manteiga e banha em partes iguaes.
Meia chicara de agua gelada
Meia colherinha de sal.

Methodo:

Todos os ingredientes e utensilios devem ser bem frios. Misturam-se os ingredientes seccos. Ajunta-se a gordura á farinha; faz-se a mistura cortando-se a primeira com duas facas. Em seguida ajunta-se a agua gelada e mis-



tura-se a massa até o ponto de unir-se. Estende-se numa taboa ou marmore polvilhado com farinha até que fique da espessura de um quarto de pollegada. Enrola-se a massa. Si não tiver de ser usada a massa immediatamente, é preciso cobril-a com um panno humido e guardal-a no gelo. Essa quantidade dará para fazer duas tortas médias.

Laura Machado e Carmen Pinto, amiguinhas do "Bem-Te-Vi".

PEDRAS PRECIOSAS

MEZ DE JUNHO

PEROLA

Apesar da perola não ser uma pedra, é classificada como pedra preciosa. E' muito delicada e perde seu brilho e sua belleza si for exposta ao calor. Si cortarmos uma perola ao meio e examinarmos com microscopio, havemos de ver como é delicada a sua estructura.

A perola é formada de aneis sobrepostos como as camadas de uma cebola.

Variam muito na qualidade e na forma — algumas são do formato de botões, outras compridas como peras, porém, as mais perfeitas são as redondas.

Os gregos e os romanos conheceram a perola antes do diamante.

Está em Moscow a bonita perola branca chamada "Pelegrina" que pesa 134 grãos e é do tamanho de um ovo de pomba.

A maior perola conhecida acha-se no Museu de Londres e pesa tres onças.

Ha um millionario que possue um collar de 37 perolas que vale mais de ... 300:000$000.

A perola significa —pureza.

GALERIA

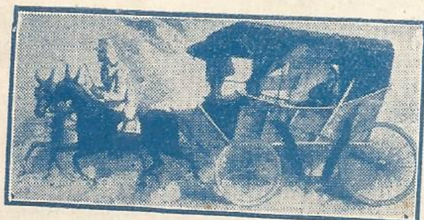
Nasceu em Maio

FLORENCE NIGHTINGALE

FLORENCE NIGHTINGALE
CAPITULO I
A SUA INFANCIA

No dia quinze de maio de 1830, esteve em festa o lar do sr. William Nightingale, e esposa, pelo nascimento de uma menina. Deram-lhe o nome de Florence, porque a sua delicadeza e meiguice faziam lembrar a bella cidade das flores, Florença, na Italia, onde residiam nessa occasião.

Quando essa criança nasceu, os paes não imaginavam que ella ia tornar o seu nome celebre, não só na Inglaterra



como em grande parte do mundo, pela sua magnanimidade e serviços que prestou á Patria e á humanidade.

A pequena Florence foi crescendo como qualquer outra criança, de modo que, quando seus paes resolveram voltar á Inglaterra, sua Patria, ella já andava e brincava com sua irmã, Parthenope. Julgo que é a primeira vez que ouvem falar de uma menina, com esse nome exquisito. Pois esse nome lhe foi dado, porque nasceu na cidade de Napoles, que antigamente se chamava Parthenope.

Florence passou a infancia e a mocidade em Lea Hurst, bella residencia da familia Nightingale, na Inglaterra. Os jardins, que circumdavam essa residencia, eram lindos e havia uma grande casa de verão, onde as meninas passavam muitas horas alegres e divertidas, brincando com bonecas.

Não havia mãezinha mais carinhosa e dedicada ás suas filhinhas do que a pequena Florence.

Desde criança manifestou vocação para enfermeira. Gostava de fingir que as suas bonecas estavam doentes e precisavam de tratamento.

A's vezes acontecia que estavam promptinhas para passear, quando, de repente, a mãezinha imaginava que esvam com dôr de cabeça, dôr de garganta ou com qualquer outra doença, e lá iam todas para a cama. Então, esfregava as costas de uma, amarrava pannos na cabeça de outra, dava remedio a uma terceira, e ficava absorta no seu trabalho.

As suas bonecas estariam condemnadas á inva idez, si a attenção de Florence não fosse, ás vezes, reclamada para tratar das bonecas da sua irmã. Estas eram victimas de desastre: ora eram queimadas, ora eram atacadas pela terrivel tuberculose que, no organismo das bonecas, consiste na perda da serradura que compõe o seu corpo.

Florence era a doutora que attendia a todos os chamados, tratando as bonecas com o carinho e a dedicação de uma habilidosa enfermeira.

Não levou muito tempo para que a clientela de Florence se estendesse aos seres animados. Assim, o seu primeiro paciente foi um cão que pertencia a um velho pastor de ovelhas chamado Rogerio.

Rogerio não podia passar sem o seu amigo Cap; era elle que conservava as ovelhas unidas, impedindo que se extraviassem ou que se approximassem dos penedos.

Florence tornou-se amiguinha do cão, porque gostava muito de ir, no seu cavallinho, observar os cuidados do cão pelo rebanho.

Um dia Florence foi com o ministro evangelico visitar o velho pastor e suas ovelhas. Chegando lá, encontraram Rogerio todo atrapalhado, procurando ajuntar seu rebanho que se dispersava para todos os lados.

Florence, compadecendo-se do pastor, exclamou:

—Oh, sr. Rogerio! Onde está Cap? O sr. não conseguirá nada, sem o seu cão.

—Oh, minha menina! replicou o pastor.—Aconteceu uma desgraça; uns meninos malvados jogaram pedras no Cap e quebraram-lhe a perna. Hoje, á noite, terei de dar cabo ao seu soffrimento.

—Que horror!—exclamou Florence—Pobre animal! Mas tem certeza que a perna está quebrada?

—Oh sim! e não sei onde vou encontrar um cão bom como foi esse,—e, dizendo estas palavras, o pastor enxugou as lagrimas no casaco esfarrapado.

Florence olhou para o ministro e este, comprehendendo o que ella desejava, deu signal ao seu cavallo para partir. Foram a galope para o lugar onde se achava o pobre animal, e então o ministro, que estudara medicina, antes de se decidir a seguir o ministerio, examinou a perna e disse que não estava quebrada, mas muito machucada e inchada.

—Mostre-me como poderei tratar delle. Quero cural-o, disse Florence.

—Pois bem, tornou o ministro. Será preciso applicar, continuamente, compressas de agua quente.

O ministro mostrou-lhe como devia fazer e partiu, deixando Florence toda absorta no seu trabalho, tendo, por unico companheiro, um menino de uma das choupanas vizinhas, que pouco ajudava, por ser muito desageitado.

O cão, sentindo allivio, tornou-se cada vez mais submisso ao tratamento e fitava Florence com um olhar cheio de gratidão.

A' noite, quando Rogerio procurou o seu fiel amigo, encontrou-o muito melhor, com a perna cuidadosamente enfaixada.

Este facto logo se espalhou por toda a vizinhança, e o resultado foi que Florence começou a receber chamados de todos os lados para fazer pequenas curas e tratar de animaes doentes, e nunca recusou fazer qualquer serviço, por mais humilde que fosse.

Além disso, Florence tambem fazia bem ás pessoas doentes, pois que sua mãe sempre mandava por ella uma garrafa de vinho, geléa ou qualquer outro prato para despertar o appetite das pessoas doentes.

Florence, não só gostava muito desse trabalho, como tambem se tornou muito querida, porque era muito meiga e attenciosa.

Logo que chegava á casa da pessoa doente, fazia desapparecer o tedio, com sua voz doce e carinhosa e com sua conversa agradavel e interessante. Emquanto arrumava os travesseiros, a cama, o quarto, ia contando casos engraçados dos seus animaes e brinquedos.

Depois arranjava uma bandeja com o que a mãe mandára, enfeitando-a com algumas flores. Muitas vezes lia, com sua voz angelica, algum trecho da Biblia, antes de se retirar.

Não era de admirar que houvesse quem a chamasse a "Criança anjo".

(Continúa no numero seguinte).

"A unica nobreza é a dos corações e dos entendimentos que buscam erguer-se para as alturas do ceu."

(Alexandre Herculano)

"Sem duvida, o homem é forte e a mais excellente obra da creação".

(Alexandre Herculano)

"Para o povo, ignorante e impiamente credulo, a noite é cheia de terrores."

(Alexandre Herculano)

"O christianismo se resume em uma palavra—"Fraternidade"."

(Alexandre Herculano)

A SURPRESA DOS TRES CAMONDONGOS

Um dia dona Camondongo, chamando os filhos camondongos, mandou-os ao jardim gozar a fresca brisa, que soprava.

Lá chegando, os peraltas camondongos Ico e Tico pintaram a saracura. Porém, camondongo Ico logo se aborreceu e disse:



—Vamos passear, Tico?

—Onde?

—Visitar o primo Zico.

De mão dadas, partiram e lá chegando encontraram o camondongo Zico no jardim.

—Viva! gritou o camondongo Zico ao avistal-os.

—Viva! responderam os camondongos Ico e Tico.

—Que brinquedo é esse? perguntou o camondongo Tico.



—Sella, respondeu o camondongo Zico. E' bom o brinquedo. Querem experimental-o?

—Queremos...

—Pois bem!

O camondongo Zico foi primeiro, depois o camondongo Tico e por ultimo o camondongo Ico.



O camondongo Ico disse:

—Olha! vou pular por cima daquella "coisa redonda".

—Agora pule você, Zico, gritou Tico.

O camondongo Zico distanciou-se da "coisa redonda" e correndo, pulou... mas, não pulando bastante alto, cahiu em cima produzindo um "crac"... e trincou-o.

—Oh! é um ovo! e você quebrou-o: exclamou o camondongo Tico.



—Bom dia! sussurrou uma voz e para fóra da casca pulou um pintainho amarello.

—E' um patinho! disse o camondongo Tico, batendo palmas.

Os camondongos Ico e Zico tomaram um sustão...

O patinho com uma graciosa cortezia cumprimentou os peraltas.

—Quá... quá... quá!...

"Fóra da liberdade, não sonhe ninguem a verdadeira prosperidade, material ou intellectual".

(Ruy Barbosa).

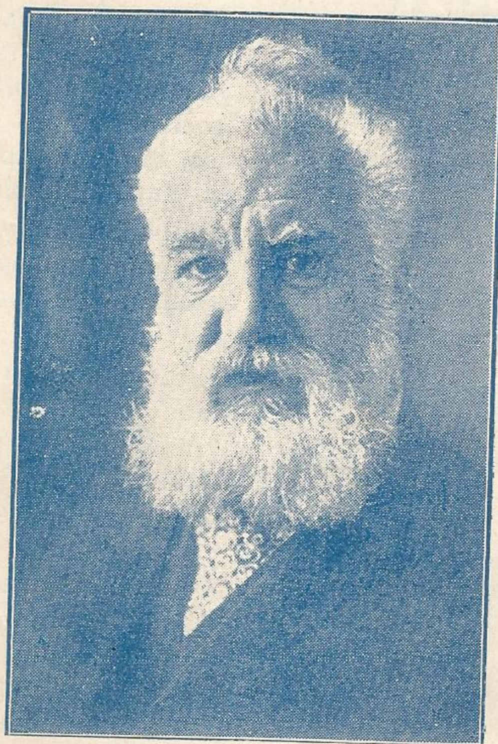
Ao nosso ver a chave mysteriosa das desgraças, que nos affligem, é esta, só esta: a **ignorancia popular**".

(Ruy Barbosa).

A Historia do Telephone

—Mamãe, eu queria que tu me contasses como é que o telephone foi inventado. Eu acho que é um apparelho muito interessante, e, por isso, gostaria de saber a historia delle.

—Carlos, meu filho, como já te disse, todas as grandes invenções são obtidas depois de longos annos de trabalho. Alexander Graham Bell, um joven escossez, foi para os Estados Unidos da America do Norte, procurar saude e fortuna. Adoptou a profissão de sua familia, tornando-se professor de surdos-mudos e empregou o systema de "linguagem visivel", isto é, o ensino da palavra articulada por meio do movimento dos labios, inventado por seu pae. Depois de terminar os estudos foi para Londres, onde fez conhecimento com o inventor do telegrapho inglez. Nessa mesma occasião soube que um physico allemão tinha feito vibrar o diapasão por meio do electro-magnetico. Bell ficou fascinado com esta descoberta e pensou: "Si uma corrente electrica póde fazer vibrar um diapasão, por que não poderá um apparelho em forma de garfo vibratil determinar que as correntes electricas sejam variadas de modo que reproduzam sons?" E foi observando este phenomeno que Bell chegou a comprehender a transmissão dos sons musicaes pelo telegrapho. Por que não será possivel expedir tantas mensagens por um simples fio, quantas notas ha num piano? Esta foi a grande idéa que deu inicio á descoberta de Bell e o nucleo ao redor do qual nasceu o telephone.



ALEXANDRE GRAHAM BELL

Mais tarde Bell recebeu como discipulos particulares um surdo-mudo e uma menina de quinze annos, que ficára surda desde pequenina. Bell não se interessava apenas com as suas experiencias electricas, pois quatro annos mais tarde se casou com a sua discipula surda. Trabalhava incessantemente pensando sempre: "Si posso fazer um surdo-mudo falar, tambem o poderei a um ferro." Conseguiu-o finalmente, após muitas experiencias e esta descoberta foi uma das maiores na historia do mundo. O inventor trabalhou ainda dez mezes antes de o apparelho dar resultados satisfactorios.

Foi no dia 10 de Março de 1876 que Bell viu o seu sonho realizado!

A Exposição do Centenario nos Estados Unidos estava aberta em Philadelphia. Bell via que era chegado o momento para exhibir o seu invento. Lá estava elle no Edificio de Educação, mas ninguem o visitava! Diziam: "E' uma brincadeira! Que mensagem poderá ser mandada por meio de um fio? Que valor terá isso!" Ninguem via as possibilidades escondidas naquelle simples mechanismo! Mas Bell esperava calmamente a hora da inspecção judicial. Já

era tarde!... Os juizes estavam famintos e cansados e não tinham tempo a perder com aquella brincadeira! Dois e tres approximaram-se, tocaram no instrumento e passaram adeante... Chegára afinal um dos momentos mais dramaticos da historia: D. Pedro II, então imperador do Brasil, acompanhado de sua comitiva, approximando-se de Bell, cumprimentou-o com amabilidade.

D. Pedro já havia visitado a escola dos surdos-mudos de Bell e muito se tinha interessado com aquella linguagem visivel, empregada.

O imperador, notando o apparelho, dirigiu-se para a extremidade do fio e collocou o phone ao ouvido. Bell pronunciou algumas palavras e o imperador, deixando cahir o instrumento, disse: "Elle fala!" Aquelles juizes famintos ficaram extaticos por tão inesperado acontecimento! E um por um, vieram, esquecendo a fome, certificar-se de tão maravilhosa invenção! Daquelle momento em diante o telephone de Bell tornou-se a exhibição mais popular em Philadelphia e a fama do seu inventor correu por todo o mundo.

—Mamãe, si não fosse o imperador do Brasil, com certeza o telephone não teria tido a fama que teve e Bell teria sido desprezado e criticado!

—Tens razão, meu filho, tens razão. Os grandes homens sempre soffrem por causa da indifferença, egoismo e inveja dos seus semelhantes, mas quero dizer-te que si o telephone não tivesse sido acceito naquella occasião, por certo hoje, no ponto de progresso em que estamos, alguem haveria de apresental-o ao mundo.

NAIR ANDRADE.

Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".

Os Homens que fazem os Telephones



O Indú - O mineiro que extrae a mica usada no isolador do telephone.

O Japonez - Prepara a seda com que se cobrem os fios.

O Russo - Este é quem extrae a platina tambem usada no telephone.

O Egypcio - Devemos ir ao vale do Nilo buscar uma certa especie de algodão para isolar os fios.



O Brasileiro — Nas florestas do Amazonas é elle quem tira da seringueira, a borracha para cobrir o phone.

O Irlandez Cultiva o linho para se fazer o papel usado no condensador.



O Norte-Americano - Mineiro de carvão, que fornece as cordas vocaes do telephone.

E um habitante de Alaska, sabendo que o telephone tambem precisa de ouro, cava a terra em sua procura.





Este é o homem que recebe todos esses differentes materiaes e com elles forma o telephone.

PEQUENOS CIGANOS

III

TRAVESSURAS E DIFFICULDADES

Fiquei aborrecido com o meu vestido velho e feio, e pedi a Papae para me comprar calças como os homens usavam. Elle prometteu-me que, si eu fosse um bom menino e me comportasse bem por algum tempo, receberia uma das suas calças. Elle era alto e gordo e eu pequeno e fraco, mas o meu desejo de ter roupa de homem era tão grande, que resolvi fazer o possivel para ganhal-a. Durante algumas sesemanas me esforcei muito para merecer o premio. Finalmente, Papae me chamou e deu-me uma calça que tinha aprromptado para mim. Como fiquei contente!

Eu, porém, era tão pequeno e a calça tão larga que uma das pernas seria bastante para me cobrir... Mesmo assim, gostei mais della do que do vestido. Papae e meu irmão me caceteavam muito, pensando que assim eu ficaria desgostoso com minha querida calça. A's vezes Papae chamava:

—Rodney, você está ahi dentro? Você vem vindo para cá ou vae para lá?

Ezequiel dizia:

—Rodney, aqui está um barbante para segurar o balão, conte-me a que horas elle vae subir.

Naturalmente, eu não gostava muito disto, mas resolvi, custasse o que custasse, que não usaria mais o antigo vestuario.

Passaram-se algumas semanas, e, um dia, Papae me deu um presente que me causou grande alegria—umas calças novas, bonitas e justas.

Como fiquei satisfeito! Não cabia em mim de contente! Mas, a calça nova tinha uma grande desvantagem — os bolsos eram muito pequenos. Um dia eu estava passeando e achei, não muito longe de casa, uma gallinha que tinha feito o seu ninho em baixo de um arbusto no campo. Eu calculava assim: —Esta gallinha deve estar no gallinheiro do seu dono; ella não tem direito de ficar aqui no campo; vou mandal-a para casa.

O ninho estava cheio de ovos; eu não os tinha procurado; não os achei num gallinheiro; estavam no meu caminho; não deveria deixal-os alli para apodrecerem. O resultado foi que enchi os bolsos e fui correndo para casa. De repente, ouvi a voz de um homem e, sentindo que elle me seguia, corri ainda mais depressa e cahi sobre um toco, quebrando todos os ovos. O homem não estava me chamando, elle nem me via, mas minha consciencia estava gritando. Eu pensava que tinha achado o-

---

Estação Lauro Muller
Corredeira

Fazenda Santa Maria
14-IV-1923.

Prezada senhora,

Eu e minhas irmãzinhas—as abaixo assignadas, teremos muito prazer em ver publicada mensalmente a historia do cigano, Rodney Smith.

E' com grande prazer que recebemos mensalmente o "Bem-Te-Vi"—a visita mais bemvinda que temos nos sertões de Noroeste.

Esperando que o cigano Rodney tenha bastante votos, saudando-vos, subscrevemos,

As amiguinhas do "Bem-Te-Vi",

Elva Mercedes Corrêa
Maria de Lourdes Corrêa
Priscilla Corrêa

vos, porém a minha consciencia é que me tinha achado e nunca mais, na minha vida, eu "achei" ovos.

Uma vez estivemos na cidade de Cambridge, na occasião da feira annual. Havia alli tambem um grande circo. Um palhaço ficava em cima de um estrado convidando o povo para entrar. Era muito engraçado e fazia discursos eloquentes sobre o circo. Chamava-se "Pinafore Billy", que quer dizer "Billy do avental". Achei que elle occupava uma posição muito alta e de todo o meu coração resolvi que, quando fosse homem, tambem seria palhaço de circo. Tinha muita vontade de entrar e assistir ao espectaculo, mas, não tinha dinheiro para comprar entrada. Um homem andava ao redor do circo, com um chicote enorme na mão, para afugentar os meninos que tentassem entrar, por baixo do panno. Eu me apresentei a elle e me offereci para ajudal-o. A minha surpresa foi que elle me acceitou e me mandou guardar a metade do circo. Isso fiz durante uns cinco minutos, mas, quando el e não estava reparando, levantei o panno e entrei. Alli esperava encontrar as bellezas do circo, mas não foi assim, ao contrario, achei-me em um lugar escuro onde havia cavallos, carros, arreios, etc. e que horror!—meus cabellos ficaram em pé, quando vi um guarda-civil que se approximava de mim. Immediatamente, sentei-me no chão e comecei a esfregar e a polir algumas redeas, fingindo assim que tinha o direito de estar a li para trabalhar. O guarda-civil, sorrindo, disse:

—Então, meu rapaz, acho que isso é um trabalho difficil para se fazer num lugar tão escuro.

—E' sim senhor, um trabalho muito difficil.

Não levantei os olhos porque elles me condemnariam logo.

Vi o homem sorrir e fiquei alliviado quando elle foi para diante. Deixei o trabalho e fui sorrateiramente para a parte do circo, onde havia muitas pessoas bem vestidas, para assistir ao espectaculo. Até hoje fico com vergonha quando me lembro do papel que fiz naquelle dia. Imaginae um pobre ciganozinho sentado entre moças ricas, homens e janotas da cidade. Novamente, minha consciencia começou a me amolar, perguntando—Como é que vaes sahir? Não poderás passar pela porta, encontrarás com o homem do chicote a quem prometteste ajudar. Sentia remorsos e não podia gosar as bellezas do circo. Escapei, porém, pela mesma porta, e, sem mais difficuldades, acheime livre.

Minha mocidade foi cheia de travessuras e peraltagens, mas minha consciencia estava sempre alerta. Eu nunca bebia nem proferia palavras feias; ás vezes, porém, falava mentiras e enganava os outros.

Minha Mãezinha



Eu amo minha mãezinha
De todo o meu coração.
Quando me chama: filhinha!
Fico cheia de emoção!

A sua fala tão doce,
Repassada de carinhos,
Canta dentro de minha alma
Como a musica dos ninhos!

E' a musica dos ninhos
A conversinha das aves;
Falam os paes aos fi hinhos
Nos gorgeios mais suaves!

Minha mãezinha querida,
Minha mãezinha gentil,
Serei menina applicada,
Para dar-te gostos mil!

Dona Carijó

Dona Carijó é uma gallinha bonita e feliz. Ella vive numa vasta fazenda e, como é observadora, Carijó conhece todos os recantos e proximidades. Agora, porém, ella não passeia mais. Ha vinte e um dias que, carinhosamente, com o calor de seu corpo e das suas pennas, aquece doze ovos sobre os quaes repousa paciente e amorosamente. Dona Carijó aguça o ouvido, faz-se attenta para perceber as pancadinhas que os seus filhos, com os biquinhos ainda molles, dão nas cascas dos ovos.

Ah! Carijó percebeu, emfim, umas fracas pancadas. Toda materna, ella, de fóra, mansamente, bate tambem com o bico. Assim auxilia e ensina os filhinhos como devem fazer para ver a luz forte do sol, o azul claro do ceu e todas as demais bellezas que as gallinhas grandes sabem gozar.

Dona Carijó não se impacienta. Um a um ella ensina, guia e auxilia. Eil-a feliz, olhando a sua ninhada. Um pinto parece bola de ouro, outro bola de neve, e alguns são escuros, com uma pequena mancha na cabecinha. Esses, mais tarde, serão como dona Carijó, — pintadinhos. Parecem todos feitos de lã, tão leves, tão macios.

A boa mãe não perde tempo. Ensina-lhes logo:

—Quando eu fizer cró-cró-cró-cró, venham depressa: é boa comida que arranjei para vocês. Quando eu levantar as azas, arrepiar as pennas e fizer quió-ó-ó-ó, fujam, que algum perigo ha.

Passam-se os dias, e os bellos pintos, sempre ensinados e protegidos por dona Carijó, vão se tornando fortes e grandes.

Já se lhes percebem as azas.

As outras gallinhas, sempre que os vêem, dizem:

—Parabens, Carijó. Bonitos filhos! Fortes, fortes, desempenados e, principalmente, bem ensinadinhos...

Agora dona Carijó os leva para mais longe do ninho. Vão até o fundo do quintal e comem larvazinhas, arroz, hervinhas e quiréra.

Um dia, depois de dois mezes ou mais que os pintainhos haviam sahido da casca, dona Carijó os ajuntou e disse:

—Vamos hoje passear mais longe. Vão ver como o mundo é grande e bonito. Mas vocês ainda não podem andar sósinhos. Não têm para isso bastante experiencia. Façam o que eu disser e andem por onde eu indicar.

Lá se foram. Gozaram o calor do sol, o tom azulado que lhes vinha do ceu, refrescaram-se nas plantinhas orvalhadas e se enthusiasmaram com tudo o que viam. Faziam mil perguntas á dona Carijó, que instruida como todas as mamães devem ser, lhes ia ensinando um pouco de botanica para conhecerem as plantas boas e um pouco de geographia, para se não perderem do caminho.

Por vezes, viam uma gottinha brilhar, um bezourinho luzir. Corriam, atarantavam-se. Perdiam-se então e, aos pios desesperados, accudia dona Carijó com ensinamentos e reprimendas maternaes. De repente, estacaram todos.

Piu, piu, piu, que admiração! que espanto! que medo! Tanta agua correndo, correndo por dentro de um rego!

Dona Carijó ensina:

—Isto é um rio.

Era, na verdade, um simples, um mesquinho corrego. Mas, para os pintainhos, era um Amazonas!

Dona Carijó inflou as azas, deu umas passadas e fez cró-cró-cró-cró. Com um pulo e um pequeno ruflar de azas, ei-a do outro lado! De lá, da outra margem, dizia:

—Venham, façam como eu.

Os pintainhos responderam:

—Piu, piu, piu, nós não sabemos, nós não sabemos.

Dona Carijó, condescendente, atravessou para cá e disse:

—Olhem todos. Verão como é facil e quanto tempo de caminho economizaremos.

Fez, novamente, todos os movimentos precisos para atravessar o corrego. Agora, diziam todos desanimados, sem mesmo experimentarem:

—Nós não podemos, nós não podemos... Piu, piu, piu...

Havia um, entretanto, o que por ultimo sahira da alva prisão menos desenvolvido que os outros e de azinhas curtas e implumes, que pensou.

—Si mamãe nos diz para fazer, é porque ella sabe que podemos e , piu, piu, piu, bateu as azinhas, juntou os pesinhos, deu impulso ao corpinho mas... pequenino demais como era, não conseguiu pular e quasi escorregou para dentro do corrego.

Dona Carijó tudo observou e nada disse.

Atravessou, novamente, o corrego e encaminhou os filhos para a fazenda:

Ah! que differença entre a ida e a volta! Na ida, estavam todos contentes e tudo lhes parecia alegre. Conversavam com a mãe e com ella aprendiam mil cousas.

Agora dona Carijó vae na frente, de bico fechado. Não procura mais bichinhos para os filhos, não lhes fala. Como o caminho se tornou longo e triste para os desobedientes pintainhos!

Ao chegarem em casa, os biquinhos se abriram sedentos e famintos. A caminhada lhes abrira o appetite e já era hora do almoço...

Veiu a nedia criada com o avental cheio de milho que ella jogou ás mãos cheias para todas as aves do terreiro.

Dona Carijó se farta. Mas os pintainhos não podem ainda comer milho. A criada traz, além da quiréra diaria, uma linda fatia de pão, molhadinha em agua de assucar. Os pintainhos comem ávidamente a quiréra. Depois se atiram á sobre-mesa. Dona Carijó vem, e, severa, os dispersa a bicadas. Depois, cró-cró-cró-cró... Pega a fatia com o bico e a leva para junto do pinto menor, o unico que se esforçara, que lhe obedecera, que conhecera que tudo o que mamãe ordena é para se fazer...

Juntos, põe-se a comer a deliciosa fatia, conversando agradavelmente.

E, só mais tarde, quasi ao fim da sobre-mesa, dona Carijó permittiu, emfim, que elle désse, a cada um dos irmãos, já arrependidos, uma pequena, mui pequena bicada da gostosa e deliciosa fatia de pão...

ATE' OS CEGOS PODEM LER A PALAVRA DE DEUS

Hoje a Biblia se acha traduzida em tantas linguas que, para 70 °|° das pessoas que habitam o nosso planeta, póde ser um livro aberto.

A figura mostra uma Biblia para os cégos. Esta se compõe de 19 volumes que pesam 60 kilos e custam 600$000.



O pequeno volume, que está nas mãos da moça, contém o Psalmo 23, S. João 14 e I Corinthios 13. Pesa só meio kilo e é vendido por um preço razoavel.

Geralmente os cégos não podem comprar esses livros. A Sociedade Biblica depende das dadivas dos amigos christãos para pôr a Palavra de Deus ao alcance dos cégos.

BRINQUEDOS E JÓGOS

UM JOÃO MINHOCA DE CARNE E OSSO

Este brinquedo é muito interessante e requer: uma mesa, duas cadeiras, uma vara, um lençol e tres meninos. Um dos meninos deve saber cantar, recitar, e ser bem desembaraçado.

Vejamos agora como se faz o João Minhoca. Collocam-se as cadeiras em cima da mesa, depois de ligal-as com a vara como se vê na figura 1.

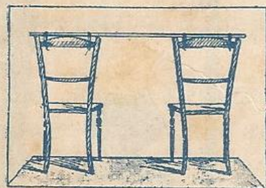
Toma-se o lençol e com elle se cobrem as cadeiras como se vê na gravura 3. Assim teremos o palco para as representações do celebre João Minhoca.



Não se deve ter luz nos fundos do palco.

O menino que vae representar o João Minhoca ficará ao lado da mesa, bem no meio do espaço entre as cadeiras. Calçará os braços e as mãos com meias e sapatos, para representar os pés do João Minhoca.

O segundo menino ficará em pé, escondido atraz do primeiro, e passará os braços por baixo dos braços deste para formar os braços do João, como se vê na figura 2. O João poderá ser vestido—de moça, de velho ou de palhaço, como na gravura 3.



O papel que cabe ao terceiro menino é o de apresentar aos assistentes o João, que chamaremos de—"O Rei do Riso". A apresentação deve ser feita com desembaraço e graça.

—Tenho a honra de apresentar o famoso "Rei do Riso", que apesar de contar 365 primaveras ainda parece tão joven e nos vem proporcionar horas alegres, com o seu genio folgazão. "O Rei do Riso" é uma assombrosa maravilha, chegou hontem da Russia e já aprendeu a fallar a nossa bel'a lingua. Offereço a palavra ao illustre e sympathico personagem, pois estou ancioso para ouvil-o.

Agora começará a representação. "O Rei do Riso" entra em scena—recitan-



do, cantando, fazendo charadas e perguntas enigmaticas, contando anecdotas, etc., e esforçar-se-á por ser o mais engraçado possivel. Deve mostrar que é na verdade o "Rei do Riso".

O segundo menino, póde contribuir muito para o successo do "Rei do Riso", porque é elle quem lhe empresta as mãos. Deve fazer gestos de accordo com o que o "Rei do Riso" disser.

APAGAR UMA VELA COM OS OLHOS VENDADOS

A pessoa que deve cumprir esta sentença fica no meio da roda, e marca bem a posição em que está a vela accesa. Tapam-se os olhos dessa pessoa com um lenço, e depois de fazel-a dar umas voltas, está prompta a ir apagar a vela.

Os assistentes agora podem apreciar o penitente soprando no relogio da parede ou na careca de um velho, emquanto a vela queima muito socegada no canto.

A Mãe (depois de acabar a leitura de uma historia commovente)

—Agora, Roberto, não darias o teu coelhinho áquelle pobre menino que não tem pae?

Roberto (apertando o coelho nos braços).

—Não seria melhor dar-lhe meu pae, mamãe?

RESPOSTAS AO N.º 5

CASAL

O nome do marido—Dia
O nome da mulher—Noite.